

A EPISTEMOLOGIA DA EDUCAÇÃO: A SAÚDE DO PROFESSOR DENTRO DA PRÁTICA LABORAL NA EDUCAÇÃO ESCOLAR.

Autor: Warley Teixeira Gomes

Coautor: Antônio Carlos Coqueiro Pereira

Coautor: Alexandre Rosa

RESUMO: O presente artigo acadêmico tem por finalidade abordar a necessidade dos sistemas educacionais vigentes no país se preocuparem com a saúde do professor na questão mental e física para desenvolver suas funções dentro da sala de aula e dentro da unidade pedagógica. É notório que existe uma procura de afastamento, aposentadoria precoce, muita procura médica física e mental por parte dos professores. A situação da saúde do professor, frente à carga de trabalho traz questionamentos: Quais as patologias adquiridas pelo professor no trabalho docente? Quais as estratégias de enfrentamento desenvolvidas pelos docentes diante das demandas da profissão? A linha de pesquisa será bibliografia qualitativa e quantitativa bibliográfica, através de livros, de revistas científicas e anais inerentes ao tema abordado.

PALAVRAS-CHAVE: Patologias Docentes; Vivência de Sofrimento; Patologia Mental.

1 INTRODUÇÃO

Em meados do século V, a preocupação maior com a aprendizagem educacional, estava voltada para o aluno, como ele aprendia, para que aprendia e o que aprender. Estava à busca de novas fórmulas de aprendizagem, sair do tradicionalismo e conceder ao educando o prazer de ensinar. Também a condição de introduzir novas metodologias para quebrar o estigma e dogma de uma educação copista e que diminuíssem alguns incidentes ocasionais que eram oriundos das metodologias empregadas na época.

Pode ter conhecimento, quando só existia uma forma de ensinar que era o método copista empregado pelos padres, freis e monges na velha educação religiosa, aconteciam inúmeros suicídios, doenças da cabeça e perturbações que podiam ser vinculados a essas formas de educar. Com o tempo, um grego teve o discernimento de compreender que o ser humano tinha a necessidade de não só estudar, trabalhar e cuidar dos seus afazeres escolares e foi introduzida uma nova forma de metodologia dentro da escola que foi a ludicidade, através das teorias de Quintiliano, quando escreveu o Livro *Homu Ludens*, introduziu essa teoria, que depois passou a ser uma prática metodológica dentro das unidades escolares.

Assim havia preocupação com a saúde mental que por consequência chegaria à saúde física do educando. A educação tem o preceito de poder introduzir soluções dentro das suas práticas metodológicas algo que facilita essas condições para ter como base a saúde mental e física do educando. A evolução educacional ao longo do tempo e a sua necessidade de expandir conhecimento na problemática mental e física do educando na escola, sentiu uma necessidade de envolver atividades além de jogos a pratica de atividades interacionista para que o educando possa ter mais interação com os seus colegas, socializando entre uma educação mais social e que a cada prática social, o aluno possa aprender um com o outro ou até mesmo ser observado para ter uma visão do professor, do coordenador pedagógico e até do gestor escolar dentro da unidade escolar. Essa atividade lúdica adentra na utilização de contos narrativos, de sonhos, de diversão interagindo entre eles e que busca o aprendizado e outros meios de conhecimentos. (HIUZINGA, 2000).

Ao tratar o problema do jogo diretamente como função da cultura, e não tal como aparece na vida do animal ou da criança, estamos iniciando a partir do momento em que as abordagens da biologia e da psicologia chegam ao seu termo. Encontramos o jogo na cultura, como um elemento dado existente antes da própria cultura, acompanhando-a e marcando-a desde as mais distantes origens até a fase de civilização em que agora nos encontramos. Em toda a parte, encontramos presente o jogo, como uma qualidade de ação bem determinada e distinta da vida "comum". Podemos deixar de lado o problema de saber se até agora a ciência conseguiu reduzir esta qualidade a fatores quantitativos. Em minha opinião não o conseguiu. De qualquer modo, o que importa é justamente aquela qualidade que é característica da forma de vida a que chamamos "jogo". O objeto de nosso estudo é o jogo como forma específica de atividade, como "forma significativa", como função social. Não procuraremos analisar os impulsos e hábitos naturais que condicionam o jogo em geral, tomando-o em suas múltiplas formas concretas, enquanto estrutura propriamente social. Procuraremos considerar o jogo como o fazem os próprios jogadores, isto é, em sua significação primária. (HIUZINGA, 2000, p. 07).

Assim, percebe-se que a prática do empenho de atividade lúdica no processo de ensino aprendizagem, através do jogo interioriza a questão do relacionar o processo interacionista como uma metodologia empregada na complementação do aprender e de forma prazerosa dentro da sala de aula e fora dela. Essa prática tem a função de ajudar de forma coesa a necessidade do aprender com prazer e com eficiência na prática de uma metodologia inovadora na sala de aula pelo educador! (HIUZINGA, 2000).

Outra forma de que a educação só se preocupa com a saúde mental e física do educando é quando surge uma nova forma de colocar o aprender e de diagnosticar problemas do educando através de atividade a dialética com uso de grupos corporativos dentro da sala de aula e através de método para tentar diagnosticar e levar mais eficiência nos diagnósticos em relação à suposição de problemas mentais e físicos do educando. Percebe-se que desde a necessidade do homem nobre, lá no Século V, de frequentar instituições com o intuito de

aprender a escrever e ler, vem evoluindo com a inserção de novas metodologias para evitar problemas emocionais e físicos do educando. Os jogos corporativos têm um papel significativo na condição de uma educação que ainda continua com a finalidade de sempre se voltar para o interesse do aluno. (HIUZINGA, 2000).

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 o Professor e a sua Saúde.

Ultimamente a profissão que mais deve ter cuidado no seu dia a dia é a de professor. Isso devido a sua carga horária de trabalho e à questão de falta de uma remuneração adequada sem contar que também se preocupa com a vida social dos seus alunos, a dificuldade de aprendizagem, distorção da idade em relação à série e por último com a falta de educação e de disciplina educacional familiar. Muitos pais ainda têm uma concepção que a escola é quem educa e os seus professores são os agentes educacionais ou de tutoria dos seus filhos! A profissão de professor ainda tem o acúmulo de trabalho extraclasse, mesmo que ainda tenha carga horaria de Atividade Complementar (AC) nas escolas e esse trabalho continua em casa. (NEVES, 1999).

As mulheres professoras têm, em sua maioria, nos momentos de tempo livre, ocupados com o trabalho doméstico. O peso do trabalho doméstico contribui para o desgaste das professoras, além de não ser reconhecido socialmente. A dupla jornada, além de implicar um maior número de horas, supõe uma divisão emocional entre as exigências do trabalho e das necessidades da família, gerando com frequência uma dupla culpabilidade, aumentando a predisposição a doenças ou a sua cronificação e a sofrer acidentes. (Neves, 1999, p. 132)

Muitos desses profissionais têm famílias, problemas pessoais, tem problemas familiares e sociais e sem contar que dentro do seu trabalho e profissão ainda encontra problemas na escola. O professor ao longo de sua trajetória de trabalho continua com uma pressão dentro da escola para realizar um bom trabalho, mesmo não tendo uma formação continuada adequada, a pressão dos pais que intitula o professor como um educador social familiar e que todo dia tem uma pressão psicológica no processo de ensino aprendido. Outro fator que ainda gera uma preocupação é o desajuste social dentro do habitat onde está inserido como uso de drogas, a condição econômica e a postura social dentro da sociedade. O professor não tem sangue frio, o professor não exerce uma profissão sem sentimentos e nem tem uma empatia emocional no seu íntimo. O professor, dentro dos relatos históricos, não teve uma preocupação voltada para a sua saúde, pois tinha um estigma e dogma que o professor seria um ser resistente, forte e dono do saber. Mas volta e meia você encontra

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

professor com LER – lesão por esforço repetitivo, (doença causada por movimentos repetitivos), doenças como hipertensão e hipotensão, doenças depressivas, doenças psicomotoras e neuropsicológicas. O que pode ser feito para que o professor exerça sua profissão por longo tempo que exerça a sua saúde funcional? Será que as mesmas terapias feitas para alunos podem ser feitas para educadores? (ESTEVE, 1999).

(...) essa expressão tem sido usada para designar os efeitos permanentes de caráter negativo que afetam a personalidade do professor, como resultado das condições psicológicas e sociais em que se exerce a docência. É, portanto o termo que tem nomeado o complexo processo no qual professores expressam suas marcas subjetivas e corporais produzidas no processo de trabalho, suportado a custo de desgaste e sofrimento. Tem modalidades como a inibição e o denominado “recurso de rotina” que são consideradas formas de cortar a implicação pessoal com a docência e eliminar as tensões provenientes dela. (Esteve, 1999, p. 39).

As consequências singulares na vida de um educador quando se trata de uma carga horária que ultrapassa o limite da resistência física e mental faz com que tenha um distúrbio emocional, físico, comportamental e social durante o seu período de trabalho ou na sua vida pessoal. Hoje, não podemos comparar o ensino ou as práticas didáticas e metodológicas iguais às anteriores dentro de uma sala de aula, a clientela atualmente está muito diferenciada, pois a educação e o educador encontram uma realidade dentro do seio social, a forma de criação, os limites impostos pelos pais, a necessidade do educador ser fascinante em relação à internet, ao celular, tablete, Ipode, com os aplicativos do Whatsapp, Facebook, Instagram, Skype e a necessidade imediatista desse educando em realizar as coisas que lhe dão prazer imaterial e materialmente. A vida social desse aluno no seio social onde ele está inserido que pode ser a indiferença social que ele tem com o que é certo ou errado na forma de viver socialmente. Há muitas cobranças dos gestores e dos sistemas escolares a exigir que o professor seja mais importante do que os itens acima citados. A cobrança, a carga horária de trabalho, a sua condição de chefe de família e as suas obrigações do lar, tudo isso contribui para que o professor seja também um ser que precisa ter esse cuidado não só pessoalmente como também das instituições que precisam das suas habilidades profissionais com saúde, com motivação, com equilíbrio, com estimulação para fazer com que a sua praxe dentro do universo educacional seja bem praticada e que possa ter resultados satisfatórios dentro das qualidades funcionais. Vamos tomar como base a problemática da saúde do professor no Estado do Paraná, onde se pode ver nos comentários no meio da educação do Brasil, que esses professores tem maior valorização e condição de trabalho (JACQUES, 2010).

O entendimento no que tange a formação do educador para lecionar e obter resultados milagrosos sobre uma clientela, na maioria das vezes descomprometida com o aprendizado e sua evolução social no contexto escolar para uma vida transformadora, de qualificação de

conhecimento para enfrentar uma sociedade desigual em várias frentes no contexto da vida. Também há a exigência de ter uma formação continuada ao longo do sua jornada de efetivo labor da profissão do magistério, que muitas vezes não é ofertada pela unidade escolar e o sistema no qual é integrado para que tenha novas metodologias para suprir as exigências de qualidade por todos que estão acima da hierarquia trabalhista e pela sociedade em que a escola atende. Essas adversidades que atingem o professor tem muitas vezes encurtando “a vida útil do professor” nas atividades as quais exerce e tem como consequência as patologias que forçam o professor a procurar aposentadoria, ser um espelho para que novos pretendentes de exercer a função do magistério desistam dessa valorosa profissão para a sua vida.(IAMAMOTO, 2007).

2.2 As Doenças mais Frequentes do Profissional do Magistério

O profissional de educação tem recebido tantas funções que perpassam a função do magister, é dentro da sala de aula psicóloga, é psicopedagogo, é “palhaço” na função de chamar a afetividade da sua clientela, tutor e mais ainda nas condições de desajuste familiar onde tem alunos que tem pais divorciados ou separados com guarda compartilhada ou não em que um desses agentes furta a obrigação da assistência como pais educadores. Adivinha para quem vai recair, devido ao lado humano do professor e à necessidade do aluno ter essa orientação? Para o professor, pois, muitos alunos substituem os pais biológicos pelo “professor Pai”, aquele que fica quatro horas ou noventa minutos por semana e que dar a atenção para o aluno que tem essa carência de efetividade no seio familiar. Muitos alunos confundem a função do professor como pai.

A preocupação é a necessidade que cada aluno tem de atenção, de afetividade mas o docente não tem condição de resolver a ansiedade para que possa desenvolver um trabalho digno e eficiente para poder transformar a vida de quem está nas suas responsabilidades dentro da sala de aula.

A preocupação com a sua vida pessoal e familiar fora da escola faz o professor impetrar um esforço sobrenatural para influenciar dentro da sala de aula e no seu convívio na escola. A preocupação com a vida econômica no contexto domiciliar aluno, onde às vezes não tem o que comer, não tem uma nutrição adequada para chegar a uma aprendizagem satisfatória, a preocupação com a de falta de limites que não são impostos pelos pais e que vai refletir na sala de aula e que se vê obrigado a dar esses limites para o aluno em sala de aula. Acontece que com tal atitude muitas vezes os professores são repreendidos pelo gestor escolar com medo de uma repercussão frente ao interesse de perder prestígio com o aluno e perder a oportunidade de ter votos no processo de escolha para diretor. O professor tem muitas razões para ter uma saúde que corre risco de qualquer hora cegar ao limite e não mais

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

aguentar exercer a arte do magistério. As principais consequências para a vida de um professor são:

Sentimentos de desconcerto e insatisfação ante aos problemas reais da prática da educação, contradição com a imagem ideal que os professores queriam realizar; 2. Desenvolvimento de esquemas de inibição, como forma de cortar a implicação pessoal com o trabalho que se realiza; 3. Pedido de transferência como forma de fugir de situações de conflitivas; 4. Desejo manifestado de abandonar a docência (realizado ou não); 5. Absenteísmo como mecanismo para cortar a tensão acumulada; 6. Esgotamento, cansaço físico permanente; 7. Ansiedade como risco ou ansiedade de expectativa; 8. Estresse; 9. Depreciação de si, auto culpabilização ante a incapacidade para melhorar a educação; 10. Ansiedade como estada permanente, associada como causa-efeito a diversos diagnósticos de enfermidade mental; 11. Neurose reativa e, 12. Depressões. (ESTEVE, 1999, p. 3).

Como se percebe na citação acima, os fatores mais frequentes da saúde do professor vêm sendo mais a questão mental do que física, pois sempre tem uma coisa ou outra que vem na sua mente de acordo com o seu desejo no emprego da função do professor o que sabe, do que necessita ensinar e do que o aluno precisa saber para aprender e ser capaz de fazer cumprir os objetivos que sustentam os pilares da educação em um aluno. A vida do professor para muita gente só se resume à sala de aula e ter a função de passar conteúdos e que não analisa o que pode vir por trás dessa valorosa profissão que é a do professor. Existe uma enfermidade mais complicada para o professor que faz com que o professor tenha uma necessidade de querer desistir da profissão que é a Burnout (ESTEVE, 1999).

2.3 - O Professor e a Burnout

Como vimos na introdução desse Artigo, ao longo do tempo houve preocupação com a saúde do aluno para que tenha uma boa aprendizagem, a procura de sanar alguma patologia que provoca retardo na aprendizagem, na forma do aluno aprender. Assim, era investigado se o processo ao longo da sua formação educacional resultou em que o aluno tenha adquirido alguma patologia mental que interferisse na sua aprendizagem. Hoje já há um revés que é preocupante e que digo de passagem é fundamental se preocupar hoje para não causar mais ainda um retrocesso na educação que é a saúde do professor. O educador com "*mens sana in corpore sano*" tem a capacidade de desenvolver o seu trabalho com eficiência, buscar nas formações continuadas para aprimorar cada vez mais metodologias para poder adequar a cada forma do aprender do seu aluno, porém, quando não tem a saúde desejada, o professor fica impossibilitado de poder colocar em prática toda a sua capacidade de desenvolver as suas habilidades profissionais da sua função. Um das enfermidades que

pode causar toda uma diferença é a síndrome de burnout que desestimula o professor a ter motivação de praticar as habilidades de professor.

A burnout é a Síndrome do Esgotamento Profissional que tem maiores incidências em professores, médicos e enfermeiras, é facilmente encontrada na CID 10, no manual da medicina, tem como consequência a vida profissional muito exigida e que muitas vezes por desestímulo de projeto que queira realizar no seu campo de trabalho é que sofre influência negativa e desestimuladora para realizar tal projeto. Muitos dos profissionais que adquiri tal síndrome são forçados a procurar profissionais da mente e ter um acompanhamento prolongado. A vida do profissional da educação de hoje ou da educação moderna está causando várias formas de enfermidades que o professor enfrenta sozinho porque ainda existem dogmas e estigmas de que o professor é um cavalo de aço que não pode ser derrubado mas estão enganados. O professor é feito de carne e osso, tem emoções e sentimentos que são fortes, mas a qualquer momento ou a qualquer reconhecimento de incerteza da realização de um projeto ou de perceber que seu esforço não vai ser capaz de realizar o seu objetivo que o aprendizado de quem necessita do seu trabalho que o aluno (ARAYAGO, 2016).

Síndrome de Burnout (SB) inclui um conjunto de sinais, sintomas e comportamentos que refletem uma erosão no campo profissional (1). Ela geralmente afeta pessoas que tem um monte de interação social na parte de trabalho. Ele foi inicialmente descrita por Freudenberger em 1974(4), e, embora existam muitas definições, o mais conhecido é o Maslach e Jackson, feito no desenvolvimento do questionário, conforme MaslachBurnoutInventory (MBI) na década de oitenta, que é caracterizada pela presença de altos níveis de exaustão emocional (AE), despersonalização (DP) e reduzida realização pessoal (RP). (ARAYAGO et al, 2016, p.5)

É uma síndrome que afeta o profissional e o primeiro sintoma é a desmotivação pelo trabalho profissional que exerce, a antipatia pessoal com quem está perto e o isolamento do local do trabalho e não tem vontade de sair de casa e buscar uma nova realização de projetos ou algo que faça para amenizar o efeito da enfermidade causada pela síndrome. Muitas vezes é necessário a procura de profissionais que tratam da mente humana. (ARAYAGO, 2016).

Síndrome de Burnout, também chamada de síndrome burnout, considerada pela organização mundial de Saúde (OMS) desde 2000 como uma doença de risco ocupacional que detrimento causa do bem-estar mental, presentes da saúde do trabalhador e sintomas físicos. Esta síndrome como uma resposta ao estresse crônico e ambiente de trabalho sustentado, composto de atitudes e sentimentos negativos para com uma resposta ao estresse crônico e ambiente de trabalho, sustentado, composto de atitudes e sentimentos para com as pessoas com quem trabalha e ao papel profissional, bem como a experiência de estar emocionalmente esgotado. (ARAYAGO et al, 2016, p.6).

Faz-se necessário ter uma distinção entre stress e a síndrome de Burnout, cada um tem sintomas diferenciados e são patologias que podem ser curtas e até chegar um estágio prolongado. O stress tem uma patologia curta e de estágio que vai de acordo com a adaptação e a Síndrome Burnout é mais prolongado e chegando a um estágio de uma necessidade de ajuda profissional no trato da mente. (ARAYAGO, 2016).

O estresse caracteriza-se por modificações físicas e mentais do indivíduo, sendo um processo temporário de adaptação o Burnout é a resposta a um estado prolongado de estresse, ocorre quando métodos de enfrentamentos falharam ou foram insuficientes. Enquanto o estresse pode apresentar aspectos positivos e negativos, o Burnout tem sempre um caráter negativo. (JACQUES, 2002, p.339).

Um dos problemas e perigo que a Síndrome de Burnout pode causar ao profissional de qualquer área, principalmente o da educação é a falta de conhecimento sobre a doença e se não houver um tratamento adequado, pode se agravar e passar para um estágio mais sério e com dificuldade da cura ou de um tratamento paliativo. (ARAYAGO, 2016).

Sintomas da síndrome burnout não tem um quadro clínico homogêneo, mas pode ter mais diversos sintomas físicos ou psicológicos, que são de repente. Desconforto físico não tem nenhuma causa orgânica, são psicossomáticas, que é que gastrointestinais, vertigens, distúrbios do equilíbrio corporal, distúrbios do sono, a susceptibilidade a infecções, palpitações. Desconforto psicológico habitual baixa auto-estima, maior vulnerabilidade as decepções ou perdas, predisposição ao estresse, diminuição da satisfação no trabalho, sinais de depressão. (ARAYAGO, et al., 2016, p.7).

As pessoas que trabalham em um ambiente que exige um envolvimento interpessoal com maior efetividade intensiva e direta tendo uma maior relação pessoal e que dependente um do outro para tomar decisões ou até de um consenso sobre realização de projetos são afetadas com a Síndrome de Burnout. Essa Síndrome independe de idade, gênero, condições financeiras e de hierarquia e um ambiente extressivo pode ter mais influência em adquirir tal Síndrome.

Os sintomas da Síndrome de Burnout tornam a pessoa agressiva, isolada, de difícil convivência, com alterações no humor, com mal-estar, ansiedade, pessimismo, falta de memória, tristeza e afeta as pessoas que estão ao seu redor. (ARGOLO, 2002).

Trata-se de uma síndrome multidimensional, caracterizada por 3 componentes: exaustão emocional, diminuição de realização pessoal/profissional e despersonalização. O primeiro refere-se a sentimentos de fadiga e redução de recursos emocionais necessários para lidar com a situação estressora. O segundo refere-se à percepção de deterioração da auto-competência e falta de satisfação com as realizações e os sucessos de

si próprio no trabalho O terceiro componente refere-se a atitudes negativas, ceticismo, insensibilidade e despreocupação com respeito a outras pessoas. (ARGOLO et al., 2002 p. 193).

O profissional de educação que passa a ter essa síndrome tem a capacidade de diminuir a sua percepção de labor de acordo com a sua vontade de realizar uma atividade que possibilite ao seu crescimento, a sua motivação, a sua condição de educador e de promover atividades em uma forma coletiva devido ao seu isolamento, devido a sua capacidade de se relacionar de forma interpessoal e de acordo com o seu comportamento de nervosismo, de inquietação devido à ansiedade e de poder ouvir e aceitar algo que contradiz o seu campo de raciocínio e a capacidade de ter uma consistência em frequentar e deslocar de um lugar para o outro. É uma patologia que faz com que o profissional sinta e viva isoladamente no seu universo fechado. Principalmente, essa dificuldade tende a se agravar mais para quem é professor ou trabalha com a educação. (ARGOLO, 2002).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos no início desse trabalho acadêmico, houve ao longo dos tempos a procura do entendimento porque o aluno não aprende, buscaram o emprego de metodologias voltadas para o processo de aprendizagem e descobriram a necessidade de ter uma forma mais prazerosa de aprender através do lúdico, de trabalhos em forma de jogos corporativos e de formulações de atividades que envolvessem o aluno na melhor forma prazerosa de aprender. Saindo da forma copista tradicional das metodologias religiosas, onde o aluno tinha uma rotina repetitiva que era ler e escrever e escrever e ler, causando transtorno psicológico e até um índice elevado de suicídio nos locais que promoviam a educação daquela época. Essas ações vieram desde as práticas quintilianas, depois com ludicidade de Hiuzinga e com os jogos corporativos e grupais de Ravière Pichon.

Houve o entendimento de que o homem era um ser lúdico e sociável. A preocupação se estendeu por séculos para o aluno ter condições de aprender e levar a pratica os quatro pilares da educação na sua prática cotidiana. Essa preocupação desenvolveu o conhecimento de vários teóricos para a aprendizagem do aluno e fatores que não possibilitava os alunos chegarem a uma educação adequada e concreta. E a preocupação da saúde do professor, aquele que tem a figura importante no processo de aprendizagem de um aluno, como ficava na visão dos dirigentes educacionais e de teóricos que pesquisa a história da educação? Na educação pôs e pré-socrática não adivinha de tanta preocupação por causa do alunado que eram atendido, na Idade Média, a problemática não era o professor e sim as suas metodologias empregadas que faziam com que o aluno fosse o problema da educação na condição de ser ensinado (metodologia), nem na educação moderna houve tanta

preocupação porque pela condição social e pelo nível de quem frequentava a escola não era cabível se preocupar com a saúde do professor, mas quando chegou a educação na contemporaneidade, principalmente no final do Século XX e no início do Século XXI veio a preocupação com a saúde de quem professa, aquele que ensina e escolariza, dentro da instituição escolar que é o professor. Essa preocupação com a saúde do professor por muitos pesquisadores e teóricos da educação atual, é de muita importância devido ao alto índice de professores se afastando da sala de aula precocemente, o número elevado de justificativas de atestados para computar suas faltas, aposentadorias precoce e a desmotivação de muitos professores pela profissão, devido a patologias que vem acarretando a classe por sobrecarga de trabalho, novas funções que de forma não oficiosa impõem ao professor dentro da sala de aula, devido ao novo avanço tecnológico onde o professor tem que se virar nos trinta para motivar o aluno a querer aprender onde a competitividade com celulares, ipodes, internet, whatsapp, facebook, instagran.

A vontade do aluno só querer aprender coisas fáceis, ter as coisas imediatas, onde há passividade da moral entre o saber escolar e a prática sexual pelos adolescentes, onde o saber escolar compete com o ter, e por tudo quando existem desajustes familiares. Os pais transferem a função de educar que é sua e impõem mais uma obrigação para o professor que é de educar e de escolarizar ao mesmo tempo, com a exigência de obter uma formação continuada para melhorar a sua metodologia para obter índices para os sistemas aos quais os professores são vinculados (município, estado e federação) sem um suporte adequado financeiro e logístico. Por isso, vim abordar nesse artigo acadêmico, a necessidade de todos responsáveis pela gestão escolar dos níveis municipais, estaduais e federais a se preocuparem e se conscientizarem da necessidade de se preocuparem com a saúde do professor na atual condição que se encontra a educação dentro da sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ✓ ARAYAGO, R. et al: **Síndrome de Burnout entre os residentes e especialistas em Anestesiologia**. Salus, vol.20, nº1, Valencia, Venezuela, em Abril, 2016.
- ✓ ARGOLO, J. C. T. et al. **A síndrome de Burnout e os valores organizacionais: Um estudo comparativo em Hospitais Universitários**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2002.
- ✓ ARROYO, Miguel G. 2004. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis, RJ: Vozes.
- ✓ BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. (org.). **Burnout: Quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- ✓ CARLOTTO, M. S. **Síndrome de Burnout e o trabalho docente**. Revista Psicologia em Estudo, vol.7, Jan/jun.2002.
- ✓ CODO, W. **Educação, carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes/Brasília, CNTE-UnB, 1999.

- ✓ CODO, W. **Educação: carinho e trabalho**. Vozes. Petrópolis: Rio de Janeiro, 1999.
- ✓ COSTA, T.S.L. et al. **Prevalência da Síndrome de Burnout em uma Amostra de Professores Universitários Brasileiros**. Piracicaba. São Paulo, 2012.
- ✓ DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**. São Paulo: Cortez- Oboré, 1992.
- ✓ _____ **O fator humano**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- ✓ ESTEVE, J. M., **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru: EDUSC, 1999.
- ✓ FRANÇA, L. C. A.; RODRIGUES, L. A. **Estress e Trabalho: Uma abordagem Psicossomática**. Ana Cristina Limongi França, Avelino Luiz Rodrigues- 4. ed.3.Reimpressão. São Paulo: Atlas, 2009.
- ✓ FREIRE, A. M. et al. **Síndrome de Burnout: Um Estudo com Professores**. São Paulo, 2015.
- ✓ HIUZINGA, Johan. **Homo Ludens**. 4ª Ed. São Paulo: Editora Perspectiva S/A. 2000.
- ✓ IAMAMOTO, M. V. O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional. 6ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- ✓ JACQUES, G. M. **Saúde Mental e Trabalho**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.
- ✓ _____ **Saúde/doença no trabalho do psicólogo. O trabalho do psicólogo no Brasil**. Antonio Virgílio Bittencourt Bastos, Sônia Maria Guedes Gondim (organizadores). - Porto Alegre; Artmed, 2010.
- ✓ JBEILI, C. Burnout em **Professores: Identificação, Tratamento e Prevenção**. 2008. Disponível em HTTP: W. W. W. Sinpro-rio.org. br / download/ cartilhas/burnout.pdf.
- ✓ JODAS, D. A.; HADDAD, M. C. L. A **Síndrome de Burnout em trabalhadores de enfermagem de um pronto socorro de hospital universitário**. Acta Paul Enferm, 2009.
- ✓ KENSKI, V.M. **O papel do Professor na Sociedade: Ensinar a Ensinar: Didática para a Escola Fundamental e Média**. São Paulo; Ed. Pioneira Thompson Learning, 2001.
- ✓ LARA, S. A. **Síndrome de burnout em profissionais da área da saúde mental**. Monografia de conclusão de curso de especialização o de saúde do trabalho, UFPR, Curitiba, 1999.
- ✓ PICHON, Enrique Ravière. **O Processo Grupal**. Editora Martins Fontes. São Paulo. 2005.
- ✓ PONTES, Jefferson da Silva. **QUINTILIANO E AS EMOÇÕES: PÁTHOS E ÉTHOS. Contracorrente**, [S.l.], n. 6, p. 43-53, maio 2017. ISSN 2525-4529. Disponível em: <http://periodicos.uea.edu.br/index.php/contracorrente/article/view/543>
- ✓ RODRIGUES, W. S., **Dificuldades e Desafios para a Prática da Docência nas Instituições Privadas**, 2011.
- ✓ THIOLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2002.
- ✓ TOLEDO, C. **Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide**. 2 ed. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2ed. Set.2005.
- ✓ WINTENBERG, D. C. D. **Síndrome de Burnout: Conhecer para prevenir-se uma intervenção necessária**. São Mateus do Sul, 2009.
- ✓ ZAGURY, Tânia, 2006. **“O professor refém”**. Rio de Janeiro: Record. 4 ed.